

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro
Estudo 11 – A visão da restauração.
Ezequiel 41 a 48

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes
anasuman@pibrj.org.br

Terminamos hoje nossas reflexões sobre o livro de Ezequiel. O assunto não se esgotou. Diria, inclusive, que mal começou. O livro é riquíssimo e deixamos de lado itens preciosos que poderiam nos ajudar a compreender muito sobre os tempos que vivemos. Fica, então, a sugestão para que o ouvinte prossiga nos seus estudos em Ezequiel, abandonando todo tipo de especulação e sensacionalismo, mas analisando cuidadosamente a mensagem de Deus para o seu amado povo.

Os capítulos finais do livro estão subordinados ao tema **“salvação para Israel”** ou **“restauração futura do povo de Israel”**. É a terceira divisão do livro, que compreende os capítulos de 33 a 48. Por isso, a visão do vale dos ossos secos fala de possibilidades, vez que se insere na mesma seção. A partir do capítulo 40, Ezequiel passa a descrever o novo templo. Esta é também a **terceira das chamadas “visões de Deus”**, ou seja, a visão que Ezequiel teve daquilo que Deus via para o futuro do seu povo. Estudamos recentemente as duas primeiras e o amado ouvinte estará lembrado do assunto, com toda certeza.

Se a dor maior que o povo de Deus havia sentido até agora havia sido a queda do Templo de Jerusalém, para que o conforto retornasse seria necessário que pudesse **vislumbrar os dias futuros, quando haveria um novo Templo**. Se estivermos atentos à simbologia da época, teremos em mente que, para o povo, o Templo significava a presença de Deus. Deus estava ali, era

o que pensavam e nessa direção agiam. Seria impossível, então, comunicar a mensagem a partir de uma codificação diferente. Deus respeita a nossa pequenez. Ele nos conhece e vem ao nosso encontro de modo a que possamos compreender o que Ele deseja nos transmitir. Por isso, a visão do Templo que Ezequiel teve foi tão clara. Ela ajudou o povo a acreditar que tudo voltaria a ser como antes e melhor do que antes e que todo aquele sofrimento teria um final algum dia.

Para compreendermos bem a magnitude da visão, é necessário recordar um pouco do que trata esta terceira divisão, que apregoa a graça divina para Judá e para Jerusalém, que seria derramada abundantemente em dias futuros e que Ezequiel se encarregou de anunciar. Dillard nos apresenta a seguinte sugestão de divisão, associada aos respectivos capítulos: Ezequiel, o atalaia (33); Os pastores de Israel (34); Contra Edom (35); Uma profecia para as montanhas de Israel (36), O vale dos ossos secos (37,1-14); Duas varas tornando-se uma (37, 15-28); Gogue e Magogue (38 e 39); Visão de uma Jerusalém restaurada (40-48). Nesta parte, que é o nosso tema de hoje, encontramos uma interessante e clara subdivisão: os pátios e portões do Templo (40); o santuário (41); câmaras para os sacerdotes (42); o retorno da glória de Deus (43); os príncipes, os levitas e os sacerdotes (44); a região sagrada na terra (45, 1-12); regras para as ofertas (45,13-46,24); um rio que dá a vida (47, 1-12); limites e partilha da terra (47,13-48,29) e os portões da

cidade (48,30-35). (DILLARD, Raymond B. Introdução ao Antigo Testamento. SP:Vida Nova. Pág. 308).

A partir da descrição do Templo, tem sido possível reconstituí-lo de diferentes modos. Um deles, é a planta baixa do chamado Templo de Ezequiel, que nos apresenta toda a construção e os muros que a cercam. Se o ouvinte tiver acesso à Bíblia de Estudo da Nova Versão Internacional, poderá conhecê-la na página 1437. As medidas transmitidas a Ezequiel nos remetem ao tempo quando o Templo de Salomão estava sendo construído e, por que não dizer, às instruções para a edificação do Tabernáculo. **Com segurança podemos dizer que ainda não foi edificado um templo como Ezequiel havia previsto.** É a parte da reconstrução de Israel que acontecerá quando Jesus voltar. De nada adianta especular sobre um novo templo na cidade de Jerusalém aqui na terra, porque não atenderia ao que a visão de restauração nos apresenta. Os templos de Neemias e de Herodes já foram erguidos e derrubados e a visão ainda não se cumpriu, **porque haverá um dia em que toda a carne verá o Filho do Homem e compreenderá o alcance do significado pleno da palavra restauração.**

A visão fala do modo pelo qual Deus abençoaria o seu povo no futuro. Essa bênção seria a presença de Deus entre o povo. Dillard comenta que “considerando que a passagem inteira (40-48) é uma visão, o melhor é respeitar o caráter essencialmente simbólico do gênero e compreender toda a visão como um retrato **simbólico do modo pelo qual Deus abençoaria o seu povo no futuro.** Para Israel, o templo representava de modo **preeminente a presença de Deus entre o Seu povo.** Sob a forma de símbolo, que pode ser conferido em 40, 2 e Números 12,6, o profeta descreve um

tempo quando a presença de Deus em Israel transcenderia qualquer coisa na experiência histórica daquela nação, um tempo quando Israel desfrutaria de ordem, paz de um governo justo. Para os leitores cristãos, tal experiência transcendente da presença de Deus, trazendo a paz e justiça, aconteceria quando o Senhor encarnado caminhasse pelas ruas de Jerusalém e construísse a sua igreja como um novo templo. A presença de Emanuel marcaria o dia em que “O Senhor está ali” (48,35). (pág. 311).

Ezequiel, com esta quarta visão, prenuncia um novo êxodo, um retorno do exílio, uma nova aliança, um novo coração e um espírito renovado. Isso aconteceria em tempo de restauração ,quando a revificação de Israel seria semelhante à ressurreição dos ossos sequíssimos, estudada no capítulo 37.

O caminho para a revificação, no entanto, é um caminho sério. **Não pode ser trilhado sem comprometimento, sem a procura pela santidade de vida.** Deus não vai nos restaurar antes que aprendamos a dizer não ao pecado, à idolatria, ao pacto com as coisas do mundo, aos jeitinhos para acomodar a vida com Deus com a vida sem Deus. **Todo o livro de Ezequiel aponta para o caminho de restauração que vem a partir de pactos de santidade.** Um simples retrospecto sobre as três grandes divisões do livro nos mostra exatamente isto. A primeira divisão, capítulos 1 a 24, fala dos juízos sobre Israel e sobre Judá. A segunda, capítulos 25 a 32, acenam para o juízo sobre as nações estrangeiras. A terceira e última, que aponta para a salvação de Israel, capítulos 33 a 48, traz o resultado da contrição, do arrependimento e do abandono da idolatria: **Deus volta a viver com o seu povo e é isto que restaura e nada mais.**

Hoje é dia de decisão. Deixemos que a Palavra de Deus nos conduza neste momento: “no início do vigésimo quinto ano do exílio, no início do ano, no décimo dia do mês, no décimo quarto ano depois da queda da cidade, naquele exato dia a mão do Senhor este sobre mim e ele me levou para lá. Em visões de Deus ele me levou a Israel e me pôs num monte muito alto, sobre o qual, no lado sul, havia alguns prédios que tinham a aparência de uma cidade. Ele me levou para lá e eu vi um homem que parecia de bronze; ele estava em pé junto à entrada, tendo em sua mão uma corda de linho e uma vara de medir. E ele me disse: filho do homem, fixe bem os olhos e procure ouvir bem e preste atenção a tudo o que vou lhe mostrar, pois para isso você foi trazido aqui. Conte à nação de Israel tudo o que você vai ver.” Ezequiel 40, 1-4.

Majestosamente, no final do livro, após a descrição da visão, lemos: “E daquele momento em diante o nome da cidade será: O Senhor está aqui.” (Ezequiel 48,35b).

Querido ouvinte, qual o objetivo maior da sua vida? O que você procura nesta vida tão curta e repleta de situações difíceis? O que o faria plenamente feliz? Lembre-se: **a visão mais feliz da Bíblia é a visão da presença do Senhor**. Que você possa ter isto em mente hoje, é a minha oração.

Apoio bibliográfico:

DILLARD, Raymond B. LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova.

LA SOR, William S. et all. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova

SICRE, José Luís. Introdução ao Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes.

SICRE, José Luís. Profetismo em Israel – O Profeta, Os Profetas, A mensagem. Petrópolis: Vozes.

ZENGER, Erich et all. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Loyola.